

Pronto para crescer

Se o Brasil não tiver, a partir de janeiro de 1995, um presidente suficientemente incompetente, e até suficientemente irresponsável para modificar de maneira radical as expectativas otimistas com que sua economia é observada pelo sistema financeiro internacional e pelos investidores internacionais, não será exagerado dizer que estamos na iminência de uma explosão econômica comparável com aquela que marcou o surgimento, no cenário internacional, da economia asiática, cujo extraordinário dinamismo, inicialmente impulsionado pelo Japão, estendeu-se aos já conhecidos "tigres asiáticos" e hoje vai propiciando o aparecimento de novos "tigres".

Parece incrível, mas a verdade é que a comunidade financeira internacional está mais otimista com relação às possibilidades de crescimento econômico do Brasil do que muitos brasileiros. Uma pesquisa realizada por uma instituição séria e respeitada internacionalmente pela qualidade de seus trabalhos, o Banco Mundial (Bird), concluiu que o Brasil é o país em desenvolvimento que tem o maior e mais diversificado setor privado. É esse setor privado que, de acordo com o Bird, fará com que a economia brasileira reviva o período do "milagre econômico", quando o PIB cresceu de maneira espetacular, com índices anuais de até 14%, os mais altos registrados na época em todo o mundo.

O "milagre econômico" ocorrido há cerca de duas décadas teve o apoio do governo. Com suas finanças saneadas durante o governo Castello Branco e contando, depois do primeiro choque do petróleo (início da década dos 70), com fartos empréstimos dos bancos estrangeiros, o setor público pôde investir tanto na área produtiva como na infra-estrutura. O gigantismo do Estado brasileiro, associado à má gestão, no entanto, levou-o à crise, que se originou exatamente no súbito aumento dos juros da imensa dívida que contraiu no Exterior. Hoje o governo não tem capacidade para investir e, por causa de sua crise financeira, absorve boa parte dos recursos que a iniciativa privada poderia

destinar à ampliação do parque produtivo.

As empresas privadas, no entanto, fizeram o que precisava ser feito para sobreviver durante a crise gerada pelo Estado. Cortaram na própria carne, eliminando níveis hierárquicos e reduzindo seu quadro de pessoal, atingiram altos índices de produtividade e foram responsáveis pelo crescimento de 5% do PIB no ano passado, apesar de uma inflação de 2.500%.

O aumento da produtividade das empresas brasileiras tem sido sustentado pela gradual modernização de suas instalações. O sinal mais evidente dessa modernização é o extraordinário aumento registrado nas importações brasileiras de bens de capital, em especial caldeiras, máquinas e equipamentos eletromecânicos e seus componentes. Nos três primeiros meses do ano, essas importações somaram US\$ 1,7 bilhão, quase 30% a mais do que o total registrado em igual período de 1993. Esse aumento das importações não chega a comprometer o superávit comercial que continua sendo previsto em mais de US\$ 11 bilhões neste ano, porque as exportações, igualmente sustentadas pela iniciativa privada, mantêm-se em nível elevado.

Se o próximo governo levar adiante o plano de estabilização da economia, as empresas privadas poderão lançar mão de um recurso vital para o incremento da atividade econômica em todo o mundo, mas que tem sido muito pouco utilizado no Brasil nos últimos anos: o crédito. As empresas estão hoje pouco endividadadas, porque não quiseram correr o risco de tomar empréstimos num ambiente de incertezas e porque não quiseram disputar com o governo o principal tomador de empréstimos no mercado, por causa de sua crise financeira — um dinheiro cada vez mais caro.

Por causa da competência da iniciativa privada no Brasil, a previsão do Banco Mundial pode perfeitamente se confirmar, dependendo, evidentemente, da maneira como será tratada pelo governo que sairá da eleição deste ano (ver editorial acima).